

Poeta

Rodrigo Ciríaco.

Para uma menina que na poesia se descobriu mulher.

Feia. Ridícula. Horrrosa. Nem por Deus.
Nariguda. Jagunça. Cabeçuda. Cabelo ruim.
Cabelo de palha. Só Jesus. Gorda. Baixinha.
Quatro-olhos. Fedida. Neguinha. Bafo de
onça. Bosta de cavalo. Bucha de canhão. Bafo de valeta. Estopa de mecânico. Cegueta.
Nariz de porco. Nariz de batata. Macaca. Cabeça de Cú. Cabeça de Melão. Dente podre.
Boca de esgoto. Pano de Graxa.

Talvez você até duvide, mas a maldade existe e estes eram alguns dos adjetivos que Kelly era chamada. Provocada. Machucada. Ofendida. Quase sempre ela ouvia. Quando colocava o nariz pra fora de casa. Quando atravessava a rua pra evitar os meninos e a roda malvada. Quando cruzava o corredor da escola. Arriscava colocar alguma foto nova na rede social. “Se enxerga”. E ela se olhava, se observava. Gostava do que via. Apesar de sua beleza não ser refletida na tela. Não ser capa de revista. Não figurar nas propagandas, ser alvo de belas matérias e boas notícias.

De certa maneira, sentia-se perdida. Andava isolada. Tinha amigos e amigas mas era só pra constar, fazer o social, servir de fachada. Demorou algum tempo até ela se situar. Descobrir o seu grupo, achar o seu lugar. Sempre se sentiu como um peixe fora d'água. Até conhecer o sarau. Sim o sarau: um espaço cultural, uma festa onde as pessoas se encontram pela arte, para contar histórias, recitar poemas, interpretar a vida. Com doses fortes extras de lirismos, dramaticidade e poesia. E o melhor: tudo acontecendo



na quebrada. Pertinho de casa. Naquele local, em que algumas pessoas diriam “tão feio quanto ela”, chamado de periferia.

Kelly se surpreendeu com aquele lugar, a proposta daquele espaço. Dezenas, centenas de pessoas se encontrando, juntas pra comungar o quê: desabafos? Raivas, rancores. Alegrias, protestos, amores? Contos, crônicas, e muita, muita poesia. Kelly ali tomou um banho de palavras, sorrisos, pancadas e verdades que tocavam fundo, em seu íntimo só ela conhecia. Se sentiu respeitada, agraciada, autoestima elevada. Viva. Depois de dezessete anos respirava fundo e sentia algo diferente: respirava e se sentia viva.

E foi com essa mesma coragem, pitadas de vingança e ironia que resolveu revidar. Colocar a boca no trombone, responder a tudo que sempre sofreu, desengasgar. Folhas sobre a mesa, palavras na mão. O primeiro verso demorou, mas foi o tiro do canhão de sua revolução. E não parou mais de disparar, disparar, disparar, até atingir a sua dominação. Na sala de aula. No corredor da escola. No centro cultural, nos bares, nas ruas. A jovem antes desprezada, xingada, ofendida agora era chamada pra recitar, ter platéia para ouvir os seus versos com atenção. Aplaudir ao final, com emoção. Kelly era o próprio show.

A menina que sempre foi achincalhada pela maldade de quem maltrata as pessoas pra tentar se ver valorizada havia se transformado. De lagarta, entrou no casulo da literatura e virou poeta. Borboleta. E ainda por onde passa, é apontada. “Olha ali, olha ali, mano. Aquela mina faz uns texto nervoso. Zica, Cabuloso. Ela é poeta. Pesada”. E hoje, na quebrada por onde passa, não atravessa mais a rua: abrem a roda para ela. Na rede social, tem a sua poesia comentada. As pessoas divulgam, compartilham. Já pediram alguns poemas para em uma antologia ser publicada. As pessoas fazem pose ao seu lado para tirar foto. E quando perguntam como ela quer ser chamada, ela sorri. Diz que tem preferência pelo nome, Kelly. Assim no simples, singular. Mas gostaria mesmo era de ser lembrada como poeta. Po-e-ta. Nada mais que isso.